

**AIDS, ACONTECEU COMIGO (1985) E FILADÉLFIA (1993): RECEPÇÃO DAS
OBRAS FÍLMICAS ESTADUNIDENSES E A SÍNDROME DA
IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA – AIDS.**

Bruna Aparecida Barros*

Zilda Maria Menezes Lima**

Resumo

O presente artigo tem como intuito apresentar hipóteses que estão sendo construídas em nossa dissertação, que tem como abordagem principal: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS; nas fontes fílmicas: AIDS, Aconteceu comigo (1985) e Filadélfia (1993). Interessa-nos analisar as recepções e notícias de ambas as obras e discutir as diferenças entre as duas que estão separadas por quase uma década. Como os críticos receberam estas obras, quais suas principais observações e conclusões destes filmes que tiveram como temática principal a AIDS.

Palavras Chaves: AIDS, AIDS ACONTECEU COMIGO, FILADÉLFIA.

Abstract

The present article aims to present hypotheses that are being constructed in our dissertation, which has as main approach: Acquired Immunodeficiency Syndrome - AIDS; In the film sources: AIDS, Happened to Me (1985) and Philadelphia (1993). We are interested in analyzing the receptions and news of both works and discuss the differences between the two that are separated by almost a decade. As critics have received these works, what are their main observations and conclusions of these films that had as main theme AIDS.

Key Words: AIDS, AN EARLY FROST, PHILADELPHIA

“As Doenças têm História” esta foi uma afirmação feita pelo historiador Jacques Le Goff (1997), e nos faz pensar como nosso objeto de estudo: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida-AIDS¹ marcou a humanidade com seu surgimento. Outras enfermidades durante séculos, décadas, provocou, nos mais diversos âmbitos sociais: o medo, o ódio, o constrangimento, o asco e os mais complexos e confusos sentimentos humanos; as doenças definitivamente podem transformar espaços e relações humanas.

Segundo a médica e historiadora Dilene do Nascimento (2004) o campo da História da Saúde e das Doenças estuda como as enfermidades em suas formas epidêmicas² e pandêmicas³ podem desestruturar uma sociedade, fazendo com que a mesma procure meios de se reorganizar. Doenças como: Hanseníase, Cólera, Febre Amarela, Tuberculose, AIDS e outras que também podem de alguma forma ser contagiosas criam na sociedade o sentimento de urgência de controle sobre a enfermidade. Este controle é necessário para combater a

*Mestranda do Mestrado de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Sob a orientação da Professora Doutora Zilda Maria Menezes Lima.

**Professora Pós Doutora em História da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

¹ A AIDS é o estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico. A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, como também é chamada, é causada pelo HIV. Como esse vírus ataca as células de defesa do nosso corpo, o organismo fica mais vulnerável a diversas doenças, de um simples resfriado a infecções mais graves como tuberculose ou câncer. O próprio tratamento dessas doenças fica prejudicado. Há alguns anos, receber o diagnóstico de AIDS era uma sentença de morte. Mas, hoje em dia, é possível ser soropositivo e viver com qualidade de vida. Basta tomar os medicamentos indicados e seguir corretamente as recomendações médicas (...). Informações retiradas da página do Portal sobre AIDS, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais - Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais endereço eletrônico: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-aids> acesso em: 12/12/2015.

² Os termos epidemia e endemia são dos mais antigos em medicina. No Corpus Hippocraticum há sete livros com o título de Epidemias (8) e Galeno usou endemia com o mesmo significado atual (1 1). Quando se indaga sobre a diferença entre epidemia e endemia, ocorre-nos, imediatamente, a ideia de que a epidemia se caracteriza pela incidência, em curto período de tempo, de grande número de casos de uma doença, ao passo que a endemia se traduz pelo aparecimento de menor número de casos ao longo do tempo. A distinção entre epidemia e endemia não pode ser feita, entretanto, com base apenas na maior ou menor incidência de determinada enfermidade em uma população. Se o elevado número de casos novos e sua rápida difusão constituem a principal característica da epidemia, para a definição de endemia já não basta o critério quantitativo. O que define o caráter endêmico de uma doença é o fato de ser a mesma peculiar a um povo, país ou região. Endereço eletrônico: <http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/iptsp/article/viewFile/17199/10371>. Acesso: 14/04/2016.

³ Pandemia, palavra de origem grega, formada com o prefixo neutro pan e demos, povo, foi pela primeira vez empregada por Platão, em seu livro Das Leis (11). Platão usou-a no sentido genérico, referindo-se a qualquer acontecimento capaz de alcançar toda a população. No mesmo sentido foi também utilizada por Aristóteles (1). Galeno utilizou o adjetivo pandêmico em relação a doenças epidêmicas de grande difusão (9). A incorporação definitiva do termo pandemia ao glossário médico firmou-se a partir do século XVIII, encontrando-se o seu registro em francês no Dictionnaire universel français et latin, de Trévoux, de 1771 (5). Em português foi o vocábulo dicionarizado como termo médico por Domingos Vieira, em 1873(15). O conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente, Exemplo tantas vezes citado é o da chamada "gripe espanhola", que se seguiu a I Guerra Mundial, nos anos de 1918-1919, e que causou a morte de cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. Endereço eletrônico: <http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/iptsp/article/viewFile/17199/10371>. Acesso: 14/04/2016.

doença, porém muitas vezes o caminho percorrido para elaborar este controle pode trazer consequência sofrida para os enfermos.

As primeiras informações oficiais que se tem sobre a AIDS são de 1980 nos Estados Unidos da América – EUA; anos mais tarde descobriram que a doença, desde o final da década de 1970 já se manifestava; podemos citar um caso como exemplo escrito pelo jornalista Randy Shilts (1987) da médica dinamarquesa Grethe Rask que trabalhou alguns em anos no Zaire, e já manifestava os sintomas da terrível moléstia em 1976 e foi a óbito em 1979.

Apenas em 1984 foi encontrado a agente etiológico da enfermidade: o Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV. Antes disto, cientistas, agentes de saúde, médicos tentaram descobrir quais eram as formas de contaminação e diante desta procura surgiram varias hipóteses, que acabaram por construir informações iniciais da doença e do doente, que posteriormente foram confirmadas ou não, porém, muito do que foi construído permaneceu, pois o medo sustentou o estigma referente à enfermidade e ao enfermo.

Segundo o sociólogo Erving Goffman (1968) o estigma pode ser considerado uma marca que diferencia um individuo socialmente, geralmente, de forma negativa. O autor explica que na antiguidade os povos gregos, por exemplo, marcavam com ferro e fogo pessoas que fossem: traidoras, ladras ou escrava para diferencia-las, no meio social. Com passar do tempo, mais precisamente na Era Cristã indivíduos que possuíam enfermidades que modificam seu físico lhe era atribuído o estigma, segundo os religiosos por intervenção divina, contudo médicos também passaram utilizar o termo estigma, para enfermidades que modificavam a aparência física.

Goffman ainda nos explica que a sociedade cria padrões de normalidade se o individuo não se enquadra nos padrões estabelecidos lhe atribuído um estigma. A AIDS quando se revela no corpo de uma pessoa pode trazer marcas que a diferencia socialmente, sintomas como magreza extrema, câncer de pele como o Sarcoma de Kaposi, na maioria das vezes, denunciam um individuo que possui esta enfermidade desenvolvida, na década de 80 e inicio de 90 estes sintomas apontavam estas pessoas que se tornaram vitimas do constrangimento social e marcadas pelo estigma.

Ainda no inicio da manifestação da AIDS, segundo Nascimento (2005) foi criado o grupo de risco composto por homossexuais masculinos, pois eles foram os primeiros a serem atingidos com maior número de casos, em seguida usuários de drogas intravenosas e

hemofílicos⁴. O que estas pessoas tinham em comum? Eram pessoas que de alguma forma ficaram expostas ao vírus do HIV através do contato sanguíneo ou fluidos corporais. Diante do que foi exposto pela doença, a ciência e a religião respondeu a epidemia com as informações limitadas.

Há de se observar o pensamento da comunidade científica realmente não esteve isento de concepções morais no seu processo de construção de um modelo adequado de evolução do vírus. Segundo Herzlich (1992:22), “a ambiguidade na enunciação dos mecanismos de transmissão - ‘câncer gay’ ou ‘síndrome homossexual’ – levou a fazer da homossexualidade o único conteúdo explicativo da doença”, sem considerar, de início, a pluralidade dos meios sociais a que pertencem os homossexuais nem a diversidade dos modos de vida pelos quais geram sua identidade.

Por outro lado, nenhuma doença na história da humanidade ensejou tão rapidamente tantos encontros, tantas publicações resultantes de pesquisas básicas, epidemiológicas ou sociocomportamentais, nem tanta retórica política, reações comunitárias e governamentais, no sentido de se buscar uma explicação. (Nascimento, 2005, p. 84 e 85).

Compreendemos com Nascimento que a ciência e outros âmbitos sociais buscavam uma explicação para a AIDS, porém a comunidade científica, inicialmente, como nos fala a autora também se utilizou de concepções morais para tentar explicar a doença. Os homossexuais nos EUA lutavam por direitos segundo o historiador Leandro Karnal (2007) desde a década de 1970, contudo a AIDS foi mais uma surpresa terrível para ser combatida por eles. A autora ainda nos fala que

[...]. Segundo Treichler (1988), a doença estranha que acometia ‘pessoas estranhas’ foi chamada pelos profissionais de saúde desses hospitais de *Wrath of God Syndrome* (Wogs), síndrome da ira de Deus, tornando-se, logo, assunto de artigo no *MMWR* de julho de 1981, onde é descrita a ocorrência de sarcoma de Kaposi (SK) em homossexuais jovens e, anteriormente, saudáveis, em Nova Iorque e na Califórnia. (Nascimento, 2005, p. 82).

Nascimento nos mostra o posicionamento de alguns profissionais da saúde, que chegaram a nomear a enfermidade no início da epidemia de “ira de Deus”, termo nada científico, mas religioso, o que nos remete a compreender como a AIDS foi perturbadora para os profissionais que tentavam encontrar algum sentido referente à moléstia. Ainda em 1981, não se conhecia o agente etiológico da enfermidade o jornalista e historiador Ítalo Tronca (2000) também nos traz outro exemplo semelhante citando a fala de um médico e historiador

⁴ A hemofilia é um distúrbio genético e hereditário que afeta a coagulação do sangue. O sangue é composto por várias substâncias, que cada uma delas tem uma função. Algumas dessas substâncias são as proteínas denominadas fatores da coagulação, que ajudam a estancar as hemorragias quando ocorre o rompimento de vasos sanguíneos. O tratamento é feito com a reposição intra venal (pela veia) do fator deficiente. Mas para que o tratamento seja completo, o paciente deve fazer exames regularmente e jamais utilizar medicamentos que não sejam recomendados pelos médicos. Informações encontradas nas páginas: Federação Brasileira de Hemofilia e Fiocruz Biossegurança Infantil. Endereços eletrônicos: <http://www.hemofiliabrasil.org.br/hemofilia/o-que-e/>, <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/hemofilia.htm> Acesso: 15/12/2015.

chamado Mirko D. Grmeck que procurava o significado na doença e fez usos de alegorias e entre elas uma cristã para falar sobre o vírus.

Esse vírus diabólico, maligno em todos os sentidos da palavra, desregula de início as defesas imunitárias do organismo, desorganiza sua polícia interna, em seguida perturba por efeito de ricochete as relações sexuais e, por fim, envenena as relações sociais de uma maneira inédita, mais sutil e insidiosa que a lepra medieval, a sífilis da Renascença ou a tuberculose do princípio da civilização das máquinas. [...]. (Tronca, 2000, p, 107).

Nas citações acima compreendemos como as representações sobre a doença e sobre agente etiológico que causa a enfermidade estava sendo construídas, as hipóteses que estavam se sustentando eram as que a doença apresentava, profissionais de saúde utilizando termos não científicos para falar da doença é pasmoso, ainda mais quando o comentário é de cunho religioso.

O estigma que existia sobre os homossexuais por causa da sua orientação sexual, e depois por causa da AIDS aumentou consideravelmente. O historiador Roger Chartier (2002) nos explica que.

As representações do mundo social assim construída, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (Chartier, 2002, p, 17.)

Compreendemos com o autor que as representações são forjadas por grupos e na maioria das vezes são fundadas na razão, contudo as representações da AIDS no início estava sendo fundada no que a doença apresentava: contaminação em massa dos homossexuais, morte e algumas hipóteses. Podemos entender com Chartier que são grupos que constroem representações, grupos influentes, referente à representação da AIDS vemos principalmente os cientistas, médicos e religiosos, os quais suas representações se tornam importantes socialmente.

Segundo Nascimento (2005) a religião principalmente a cristã também se manifestou, e considerava um castigo divino. A jornalista Laurie Garrett (1994) também nos fala a respeito.

[...]. O evangelista da televisão líder da Maioria Moral, Jerry Falwell, denunciou a “vida depravada”, dizendo num sermão transmitido nacionalmente pela televisão que “se a administração Reagan não tomar medidas drásticas contra isso, o que agora é uma peste *gay* no país, daqui a um ano, acha que o presidente Reagan será responsabilizado pessoalmente por permitir que esta horrível doença se alastre entre a população inocente americana”. (Garrett, 1994, p, 320).

Garrett nos mostra o posicionamento de um líder religioso em uma transmissão nacional feita pela TV que solicita providências do Governo Federal e em sua opinião deixa claro que a culpa é dos homossexuais por causa de seu estilo de vida que ele chama de “depravado”. O medo do evangelista é que outras pessoas fossem contaminadas. Compreendemos o medo da AIDS, afinal era uma doença mortal no período, ainda em pesquisa, não havia previsão para a cura da enfermidade, porém a culpa atribuída aos homossexuais devido ao seu estilo de vida, orientação sexual, faz com que a doença fique ligada a imagem destas pessoas, que eram vítimas da enfermidade, como qualquer um que porventura se expôs ao vírus.

Como podemos ver na História da AIDS com estes autores, os pilares sociais: ciência e religião tentavam encontrar maneiras de explicar, ou justificar a enfermidade, o que podemos considerar normal, já que a doença causava grande pavor, por ser mortal. Porém as consequências das construções apenas com hipóteses perduraram por muitos anos e algumas chegam até os dias atuais deixando uma marca na vida de quem é acometido pela AIDS.

Segundo Shilts (1987) a enfermidade recebeu atenção principalmente quando pessoas em destaque na mídia começaram a aparecer enfermas o autor cita o caso de Rock Hudson⁵ e uma reportagem feita pelo jornal *Washington Post* em 1985.

Boatos de que Hudson estava sendo tratado pelo Dr. Dominique Dormant, que estava medicando Bill Kraus e a maioria dos outros aidéticos americanos, espalhou-se pela comunidade de exilados pela AIDS em Paris histórias sobre a droga miraculosa que Hudson tinha ido procurar em Paris, muitos dos pacientes americanos foram caçados pelos repórteres, que finalmente, estavam interessados em matérias sobre a AIDS.

- Desculpe por não termos publicado muito sobre esta coisa antes – disse um repórter do *Washington Post* a Bill Kraus ao começar uma entrevista. – Nós não tínhamos sido capazes de encontrar um gancho que tornasse a matéria mais interessante para a população geral. (Shilts, 1987, p, 695).

⁵ O ator Rock Hudson, de 59 anos, torna-se a primeira grande celebridade a morrer de complicações da AIDS. A morte de Hudson levantou a consciência pública sobre a epidemia, que até então tinha sido ignorado por muitos no mainstream como uma "peste gay". Em 1984, enquanto trabalhava no *Dynasty TV* show, Hudson foi diagnosticado com AIDS. Em 25 de julho, 1985, ele reconheceu publicamente que tinha a doença em um hospital em Paris, onde ele tinha ido para procurar tratamento. A notícia de que Hudson, um ícone internacional, tinha AIDS focada a atenção mundial sobre a doença e ajudou a mudar a percepção pública do mesmo. Os primeiros casos de AIDS foram notificados em 1981 e as primeiras vítimas eram homens homossexuais que muitas vezes enfrentam a hostilidade pública e da discriminação. Como cientistas e autoridades de saúde pediram financiamento para combater a doença, eles foram amplamente ignorados pelo presidente Ronald Reagan e sua administração. Rock Hudson era um amigo de Reagan e sua morte foi dito ter mudado a visão do presidente da doença. No entanto, Reagan foi criticado por não abordar a questão da AIDS em um grande discurso público até 1987; por esse tempo, mais de 20.000 norte-americanos já morreram da doença e que se espalhou para mais de 100 países. Encontrado no endereço eletrônico: <http://www.history.com/this-day-in-history/hollywood-icon-rock-hudson-dies-of-aids>. Acesso: 11/09/2016.

Nesta citação o autor deixa claro que a AIDS não era explorada como deveria. A falta de interesse justificada pelo repórter ao entrevistado é espantosa, como uma doença de magnitude da AIDS não era considerada segundo a entrevista de interesse geral para o público deste jornal? A repercussão da notícia que um ator de grande sucesso como Rock Hudson com a enfermidade, passou a ser interesse da sociedade, pois atingiu uma pessoa conhecida e querida por seu grande trabalho de sucesso. Segundo Shilts, até o presidente dos EUA, que ainda não havia falado da AIDS, publicamente, quando soube que Rock Hudson estava gravemente enfermo desejou - lhe força contra a terrível moléstia.

Houve informações e notícias sobre a AIDS, mesmo que considerada por Shilts (1987) poucas, contudo, entretenimentos que tocassem no assunto da AIDS foram aos poucos desenvolvido. Algumas series de Televisão - TV, em poucos episódios abordavam a enfermidade. Contudo, os personagens geralmente faziam parte do Grupo de Risco, os homossexuais eram os principais representados nos papéis. Os filmes: AIDS, Aconteceu comigo⁶ (1985) e Filadélfia (1993) foram os primeiros filmes realizados, tanto pela televisão como pelo cinema respectivamente. Ambos os filmes são ficcionais e possuem certa liberdade para sua realização conforme a vontade dos diretores e suas equipes.

AIDS, Aconteceu comigo foi o primeiro filme feito pela Televisão National Broadcasting Company NBC nos Estados Unidos da América - EUA, dirigido por John Erman, à película narra à história de um jovem chamado Michel Pierson (Aidan Quinn) um advogado bem sucedido que reside na cidade de Chicago, e mantinha uma vida dupla, escondia de sua família e no seu ambiente de trabalho, sua orientação sexual, mesmo possuindo um relacionamento homossexual com seu cônjuge Peter Hilton (DW Moffett) estável. Michel foi obrigado a revelar a família que era homossexual, após descobrir por causa de uma pneumonia, que estava doente de AIDS.

Inicialmente ele sofre com medo da doença, do que as pessoas pensarão a seu respeito, e com o desprezo de alguns membros de sua própria família. Seu pai Nick Pierson (Ben Gazzara), que tinha medo da doença, porém o que mais o aflige Nick é o fato de seu filho ser homossexual e lhe ter escondido esta verdade por tanto tempo, já sua irmã Susan (Sydney Walsh), já sabia a opção sexual do irmão, contudo, no primeiro momento Susan apavorada se nega a ter qualquer tipo de contato com Michel, alegando estar grávida, e de maneira nenhuma queria correr riscos de contrair a enfermidade. Nesta obra fílmica percebe-

⁶ O filme AIDS, Aconteceu comigo de 1985 é conhecido nos Estados Unidos da América como: An Early Frost.

se a representação do personagem que possui esta doença era marginalizado em suas relações sociais e toda a ignorância referente à enfermidade.

O filme Philadelphia foi inspirado em uma história real: um advogado chamado Geoffrey Bowers⁷ que morreu de AIDS aos 33 anos de idade em 1987, mas antes processou a empresa que trabalhava por alegar que foi demitido, injustamente, por ter AIDS. O filme dirigido por Jonathan Demme trata sobre a história de um jovem advogado homossexual bem sucedido portador do vírus do HIV que posteriormente começa desenvolver a AIDS; é promovido até que um dos sócios do escritório descobre que Andrew Beckett o nome do personagem vivido por Tom Hanks tem AIDS, assim é forjado um erro administrativo imperdoável para que o advogado seja considerado o responsável e demitido.

Andrew procura quem o represente no tribunal e vai há nove advogados, todos se recusam a aceitar o caso, até que ele recorre a Joe Miller (Denzel Washington) que depois de resistir por ter preconceito contra homossexuais e inicialmente, não saber como era o contágio da AIDS, finalmente aceita o caso e defende Andrew perante o Tribunal, este filme ficcional representa de forma clara o estigma que esta enfermidade provoca e como causa a morte social dos acometidos pela doença.

A recepção destas obras fílmicas se deu de formas diferentes, os principais motivos foi o período e a quantidade e qualidade de informações sobre a doença. Diante desta observação podemos entender quando o historiador José D' Assunção Barros afirma.

O lugar que produz o cinema é também o lugar que o recebe, de modo que a fonte fílmica pode dar a compreender uma sociedade simultaneamente a partir do sistema que o produz e de seu universo de recepção. O público consumidor e a crítica

⁷ Os materiais publicitários e inúmeros artigos sobre o filme atual, aparentemente deixa de fora alguns detalhes, incluindo o produtor independente Scott Rudin ("A Família Addams" e "The Firm") conexão com o projeto de alto perfil, o primeiro filme de grande estúdio para abordar o tema da AIDS. No início deste mês, muitas pessoas em Hollywood ficaram surpresas ao saber que Rudin foi nomeado - juntamente com TriStar, Demme, Nyswaner e produtor Edward Saxon - em uma ação judicial por quebra de contrato arquivado na Corte Distrital dos EUA em Nova York pela família do falecido Geoffrey Bowers, um advogado de Nova York que lutou uma batalha discriminação de AIDS tendo marcantes semelhanças com a história contada em "Filadélfia". [...]. Falando em nome do estúdio e os outros réus, TriStar chamou a 01 de fevereiro o termo Bowers de "completamente infundado e absolutamente sem mérito". Nenhuma resposta formal ao processo judicial ainda não foi arquivado. É um truismo na indústria do entretenimento que quase todos os filmes de sucesso vão gerar pelo menos um processo, e a maioria destes casos não vão muito longe. Quer ou não o termo de Bowers, para ser julgado sob a lei do contrato do Estado de Nova York e da lei as práticas de comércio federal, acaba por ser uma exceção, já despertou a curiosidade sobre as origens do "Philadelphia". Duas fontes conhecedoras, que insistiu no anonimato, disseram ao Times que Rudin iniciou o projeto e trouxe Nyswaner, mas desistiu quando Demme tornou-se ligado. Por alguma razão, eles dizem o diretor premiado com o Oscar de "O Silêncio dos Inocentes" não queria Rudin a bordo. Demme quase sempre colabora com Saxon, seu sócio na empresa de produção Clínica Estético. Um ex-executivo da Orion Pictures, onde o projeto foi desenvolvido antes de ser adquirido pela TriStar, confirmou que o filme se originou com Rudin. No estúdio para o Presidente Marc Platt se recusou a discutir o caso, nem o estúdio permitiu que os outros acusados para comentar. (Embora Rudin tenha um acordo de produção na Paramount, os tramites foram devolvidos pelo departamento de publicidade da TriStar.) (PRISTIN, Terry para New York Times - Redação, publicado em: 17 de fevereiro de 1994).

inscrevem - se desde já na rede que produz o filme, conjuntamente com os demais fatores que atuam em sua produção, e isto porque o público receptor é sempre levado em consideração nos momentos em que o filme é elaborado. As competências e expectativas do consumo, enfim, são antecipadas no momento em que é produzida a obra cinematográfica, de modo que analisar um filme é analisar também o público que o irá consumir. (Barros, 2007, p, 9).

Compreendemos com Barros que quando um filme é produzido, já pensando em sua recepção, quem irá consumir e como os críticos irão reagir. AIDS, Aconteceu comigo de 1985 o primeiro filme a tocar no assunto da enfermidade foi recebido pela crítica com entusiasmo, pois foi um filme que abordou a temática da AIDS de forma ficcional, porém informativa.

LOS ANGELES, novembro 5 - NBC planeja transmitir um relatório especial e empreender uma campanha educativa em conjunto com "An Early Frost", um drama sobre Aids, que estava programado para ser mostrado ontem à noite. O drama de duas horas é sobre um jovem advogado homossexual (interpretado por Aidan Quinn), cuja família é jogada em uma crise quando ele diz a seus pais (Gena Rowlands e Ben Gazzara) que adquiriu a síndrome de imunodeficiência. Imediatamente após a transmissão, NBC News apresentará um relatório especial de meia hora sobre a doença com Tom Brokaw como anfitrião. (Stephen Farber, especial para o New York Times Publicado em: 06 de novembro de 1985).

Ao acompanhar a recepção de AIDS, Aconteceu comigo percebemos claramente que o filme, mesmo sendo ficcional, e com “toda liberdade”⁸ que o Diretor John Erman teve para elaborar este filme a obra tem um caráter informativo, de combate à doença e de representar o doente. A TV NBC aproveitou o entretenimento, para depois fazer uma programação para abordar a enfermidade, tentando alertar a sociedade sobre as formas de contaminação e o preconceito contra o doente.

Além destas ações o filme também incentivou outros movimentos em prol ao combate a doença. Segundo a jornalista do jornal New York Times Susan Helen Anderson.

"An Early Frost ", um drama da NBC-TV sobre a AIDS, tratou de questões dolorosas. Mas havia torcendo entre cerca de 50 homens e mulheres que se reuniram em um apartamento no Upper West Side para assistir à transmissão. O grupo tinha ultrapassado a sua meta em levantar o dinheiro para os Homens Gays em Crise de Saúde, uma organização de apoio para as pessoas com AIDS, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. "Eu achei que seria talvez chegar a US \$ 400 ou US \$ 500", disse Hugh Graham, em cujo apartamento a reunião ocorreu. "Mas essas pessoas realmente cavaram fundo e deram. " Ele estava entre cerca de 100 eventos de angariação de dinheiro que ocorrem ao redor da cidade na noite de ontem,

⁸ Anos mais tarde John Erman faz outro filme relacionado à AIDS e revelada como se sentiu em relação à produção do filme AIDS Aconteceu comigo: Mr. Erman relata que o departamento de padrões de transmissão do ABC era muito mais relaxado sobre o tema da homossexualidade do que a NBC foi quando ele dirigiu "An Early Frost" há seis anos. Ele lembra que em "An Early Frost" a avó do personagem principal não foi autorizada a comentar que ela gostava do amante de seu neto porque isso poderia ser interpretado como um endosso da homossexualidade. "Nós não temos esses problemas neste filme", disse Erman. (Stephen Farber, especial para o New York Times Publicado em: 30 de abril de 1991).

centradas na transmissão. William Jones, diretor de desenvolvimento para o grupo de apoio, disse ontem que ele ainda não sabia quanto dinheiro tinha sido levantado. "Cinco dólares e US\$ 10 se podem juntar rapidamente, disse ele". "Nós realmente obtemos algumas grandes contribuições, então nós apreciamos a preocupação de todas as pessoas, particularmente aqueles que não podem pagar grandes doações". A festa no apartamento do Sr. Graham foi organizada por membros do Equilíbrio do Mundo, uma organização de caridade. A 2.060 dólares eles levaram em vão para um programa de assistência financeira que faz doações de US\$ 200 a US\$ 400 a pacientes com AIDS em extrema dificuldade financeira. (Susan Heller Anderson para o New York Times Publicado em: 13 de novembro de 1985).

Nesta notícia compreendemos a ação realizada, utilizando o filme como desculpa para arrecadação de fundos ONG's. Observamos como o primeiro filme sobre a AIDS movimentou a sociedade, um entretenimento que foi utilizado como um agente social para ajudar a causa dos doentes que não tinham condição de se tratar, e ainda ajudar na divulgação sobre a doença. Vemos nas notícias e recepções que o filme pode ser um agente social, pois interfere nas ações da sociedade. Segundo Barros (2011).

[...]. Se o cinema é 'agente da história' no sentido de que interfere nela direta ou indiretamente, ele também é interferido todo o tempo pela história, que o determina em seus múltiplos aspectos. Vale dizer, o cinema é 'produto da história' – e, como todo produto, um excelente meio para a observação do 'lugar que o produz', isto é, a sociedade que o contextualiza, que define sua própria linguagem possível, que estabelece seus fazeres, que institui suas temáticas. Por isso, qualquer obra cinematográfica – seja um documentário ou uma pura ficção – é sempre portadora de retratos, de marcas e de indícios significativos da sociedade que a produziu. É neste sentido que as obras cinematográficas devem ser tratadas pelo historiador como 'fontes históricas' significativas para o estudo das sociedades que produzem filmes, o que inclui todos os gêneros fílmicos possíveis. A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção carrega por trás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura. (BARROS, 2011, p, 180.)

O autor nos fala a relação do cinema com a História e compreendemos que uma produção fílmica sobre a AIDS foi uma necessidade da arte expressar sua mais um estágio da vida do ser humano, também expressar sua preocupação com a epidemia. O filme interfere na sociedade e a sociedade no filme, pois levanta discussão sobre a doença e sobre o doente, e ainda no caso de AIDS, Aconteceu comigo, provocou movimentos para o combate da enfermidade.

Em Filadélfia (1993) podemos perceber na produção que houve um acompanhamento de ativistas que lutavam contra a doença, e do Governo Federal dos EUA, o que nos faz compreender a importância e influência de uma obra fílmica socialmente. Na recepção de Filadélfia podemos observar a satisfação e insatisfação de ativistas, críticos e jornalistas, referente ao filme, pois não conseguiu agradar a todos, a falta de representações de alguns aspectos e a demora de Hollywood para abordar a doença foram as principais críticas.

Eu gostaria de receber Hollywood de volta de sua viagem extraterrestre - e também discutir “Filadélfia”, sua corajosa tentativa de recuperar o atraso com a história humana. Dirigido por Jonathan Demme, e estrelado por Tom Hanks e Denzel Washington, esta SIDA drama de tribunal é tão bombeado cheio de óxido nitroso, você poderia obter os dentes perfurados nele.

Em termos de feio, debilitante a verdade sobre AIDS, ou em termos de vidas homossexuais - ambos os quais este filme pretendem retratar – “Philadelphia” está perdido e flutuando em algum lugar no lado mais distante de Plutão. Uma tentativa séria - eu acredito - por parte de Demme e do roteirista Ron Nyswaner para fundir entretenimento com comentário social; o filme TriStar Pictures é tudo show e não um conto. [...]. “Filadélfia” não é um filme, é um profilático. É o tipo de cinema do sexo seguro que protege seus telespectadores de todo o desconforto e sensação, quando os cumprimentava para ficar um pouco mais perto da doença. (Desson Howe Washington Post Redatora publicado em 1994).

Nesta crítica é notório o quanto uma produção fílmica na indústria cinematográfica de Hollywood que abordasse a temática da AIDS era esperada. A demora fez com que o crítico falasse em tom de ironia sobre o filme, como se Hollywood não estivesse situada neste planeta, por não demonstrar interesse em assuntos completamente terrenos como esta moléstia. O filme é entendido também como um profilático: a falta de informação e ao preconceito contra os enfermos, a participação de Denzel Washington e Tom Hanks dois atores conceituados chamou mais atenção, pois são nomes importantes falando sobre um assunto, ainda em 1993 considerado difícil.

O ativista gay Larry Kramer que lutava contra a AIDS e foi um dos primeiros a criar uma ONG contra a enfermidade nos EUA esperava mais de Filadélfia.

“Filadélfia” é um filme dolorosamente medíocre. É desonesto, é muitas vezes, legalmente, medicamente e politicamente incorreto, e isso parte meu coração que eu tenho que dizer que não é simplesmente bom o suficiente e eu prefiro que as pessoas não vá vê-lo. Durante 12 anos, milhões de pessoas - gays pessoas com AIDS, as pessoas infectadas com o HIV, suas famílias e amigos - ficaram esperando desesperadamente por um “grande” filme para lidar com esta praga de uma forma madura. (Larry Kramer para Los Angeles Times publicado: 09 de janeiro de 1994).

Para o ativista o filme não representou os enfermos da AIDS. Para ele faltou muito da realidade da doença e do doente no filme. Interessante observar a cobrança incisiva de Kramer, pois como uma obra fílmica, o diretor tem “total liberdade” para elaborar o filme; a ficção não tem compromisso com a verdade. Contudo o que podemos perceber em ambas as obras que há uma cobrança de verdade nos filmes. Diferente de AIDS, Aconteceu comigo, nas recepções e notícias sobre Filadélfia, não encontramos mobilizações sociais em conjunto das apresentações do filme. Em 1993 diferente de 1985 já havia mais informações concretas sobre a enfermidade, porém o medo e o preconceito contra o doente e a doença ainda eram fortes.

De certa maneira o ativista compreendia a influencia que o cinema podia exercer sobre a sociedade e uma obra fílmica como Filadélfia era a oportunidade que ele e outras

pessoas esperavam para a enfermidade sair definitivamente do armário. Segundo o historiador Alexandre Valim (2005).

“Recuperando e aprofundando algumas questões levantadas por Marc Ferro, Michele Lagny argumenta que todo processo de produção de sentido é uma prática social e que o cinema não é apenas uma prática social, mas também um gerador de práticas sociais, ou seja, o cinema, além de ser um testemunho das formas de agir, pensar e sentir de uma sociedade é também um agente que suscita certas transformações, veicula representações ou apresenta modelos”. (VALIM, 2005. p. 27.)

O filme é um agente social que influencia a sociedade, nos fragmentos que apresentamos aqui na recepção percebemos, o quanto uma obra pode influenciar a opinião pública sobre uma determinada temática. Valim nos explica que além da obra fílmica ser uma testemunha do seu tempo, ela veicula representações e modelos. Isto é notório na preocupação de cada produção destas obras e como os críticos reagiram a elas.

O acompanhamento e recebimento da sociedade como representantes do Governo, ativistas e outros nos mostra a relevância de como uma doença e um doente sendo representado em um filme. A AIDS é uma enfermidade que tocou a sociedade com o medo e com a morte. A arte representou através de obras fílmicas a enfermidade e o enfermo, mesmo sem ter compromisso com a verdade foi cobrada em apresentar o mais verídico possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Rita de Cássia Barreto de. A história silenciosa das pessoas portadoras do HIV contada pela História Oral. Curitiba: 2004. Dissertação - Pós-Graduação em Enfermagem, Área de Concentração: Prática Profissional de Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2004.

BACELLAR, Carlos, Fontes históricas: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BAIANA, Ana Maria. Como ver um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARATA, Germana Fernandes. A primeira década da AIDS no Brasil: O Fantástico apresenta a doença ao público. 2006. 196 páginas. Dissertação - Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo 2006.

BARROS, José D' Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. Comunicação e Sociedade. São Paulo, Ano 32, n. 55, 2011, p. 175 - 202.

BASTOS, Francisco Inácio. AIDS na Terceira Década. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2006. 104. (Coleção Temas em Saúde)

BURKER, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora EDUSC, 2004.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. A AIDS e a sociedade contemporânea – estudos e histórias de vida. São Paulo: Letras e Letras, 1994.

- CHARTIER, Roger. A Beira da Falésia: A História entre a certeza e inquietude. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre. Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- _____. A História Cultural: Entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo – 2ªed. – Algs. Editora DIFEL, 2002.
- CORRÊA, Anderson Rodrigues. No escurinho do cinema: sobre HIV/AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos. – Porto Alegre: UFRGS, 2007. pág. 149.
- DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. AIDS, a Terceira epidemia: ensaios e tentativa. São Paulo: Editora Iglu, 1991.
- FARREL, Jeanette. A Assustadora História das Pestes e Epidemias. Tradução: Mauro Silva. São Paulo: Ediouro, 2003.
- FERRO, Marc. Cinema e História. Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- GALLO, Robert. Caça ao vírus: AIDS – CÂNCER e RETROVÍRUS HUMANO: A historia de um descoberta científica; tradução: J. E Smith Caldas. – São Paulo: Siciliano, 1994
- GALVÃO, Jane. AIDS no Brasil: A agenda de construção de uma epidemia. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.
- _____. 1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: ABIA, 2002.
- GARRET, Laurie. A próxima peste: novas doenças em um mundo em desequilíbrio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editores S.A. Rio de Janeiro: 1963.
- JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade: alguns dilemas da relação história e cinema. Londrina: Domínios da Imagem, ano II, N.3, 2008.
- JÚNIOR, Ives Mauro Silva da Costa. Conta-me tudo: representações de doença na filmografia de Pedro Almodóvar. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. pág. 131.
- _____. A Doença nos filmes de Pedro Almodóvar um estudo de caso: Tudo sobre minha mãe. Florianópolis –SC. Revista Esboço nº 16 – UFSC.
- KARNAL, Leandro. et al. História dos Estados Unidos: das origens ao século XII 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.
- KIERNAN, Victor G. Estados Unidos: o novo imperialismo. Tradução de Ricardo Doninelli Mendes. – Rio de Janeiro: Record, 2009.
- KORNIS, Monica Almeida. Cinema, Televisão e Historia. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008.
- _____. História e Cinema: um debate metodológico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.237 – 250.
- LE GOFF, Jacques. As doenças têm Historia. Lisboa: Terramar, 1997.
- LIMA, Érica Cavalcante: A AIDS VIRA NOTÍCIA: Estudos das Notícias que abordaram a “Doença Nova” nos periódicos cearenses durante a década de 1980. Universidade Estadual do Ceará UECE. Fortaleza – Ceará 2011.
- LIMA, Zilda Maria Menezes. “O grande polvo de mil tentáculos”: A lepra em Fortaleza (1920 -1942). Tese de Doutorado/ UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.
- LUCA, Tania Regina, Fontes históricas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- MARTIN, Marcel. A Linguagem cinematográfica. Tradução: Paulo Neves – São Paulo: Brasiliense, 2013.
- MELEIRO, Alessandra. et. al. Cinema no Mundo: Industria, politica e mercado Estados Unidos. – São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

- MODRO, Nielson Ribeiro. Nas entrelinhas do cinema. Jonville, SC: Univille, 2008.
- MONTEIRO, Simone & VILLELA, Wilza. Estigma e Saúde. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2013.
- MORTTIN, Eduardo Victorio: O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, 2003. Editora UFPR.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes históricas: A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A Construção de Si Uma narrativa em torno da Experiência da AIDS. Revista de História Regional, n.o 3 (2) 157-166, Inverno, 1998.
- _____. As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- _____. & CARVALHO, Diana Maul de. Uma história brasileira das doenças. Brasília: Paralelo 15, 2004.
- POLLAK, Michael. Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia; tradução: Paula Rosas. – São Paulo: Estação Liberdade, 1990.
- ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. Salvador: Revista Olho da História, n 5.
- SCHEFFER, Mário. Coquetel: A incrível história dos antirretrovirais e do tratamento da AIDS no Brasil. São Paulo: Hucitec Editora Sobravime, 2012.
- SHILTS, Randy. A Epidemia da AIDS: Como surgiu como se espalhou porque não foi possível controlá-la. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.
- SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa. Coord. Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwacz – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SOARES, Mariza de Carvalho e FERREIRA, Jorge (orgs). A História vai ao Cinema. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- SONTAG, Susan: A AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TRONCA, Ítalo Arnaldo. As máscaras do medo: lepra e AIDS. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.
- VALIM, Alexandre Busko. Entre textos, mediações e Contextos: Anotações para uma possível História Social do Cinema. Campinas: Revista História Social. n. 25, 2005.